

História das Idéias – em torno de um domínio historiográfico**

História das Idéias –
em torno de um
domínio
historiográfico

History of Ideas – around the historiographic field

José D'Assunção Barros *

Recebido e aprovado em junho de 2007

Resumo:

Este artigo busca elaborar uma visão panorâmica sobre a História das Idéias, apresentada em suas relações dialógicas com a História Cultural, a História Política e outras modalidades historiográficas. No decorrer do texto, são discutidos alguns conceitos envolvidos na perspectiva da História Cultural e da História das Idéias, a partir de uma produção historiográfica diversificada que se desenvolveu ao longo do século XX. O artigo remete a obra recentemente publicada pelo autor deste texto, cujo principal objetivo é o de elaborar uma visão panorâmica das diversas modalidades da História nos dias de hoje.

Palavras-chave:

Campos da História, metodologia da historia; escrita da história.

Abstract:

This article attempts to elaborate a panoramic view about History of Ideas, presented in its dialogical relations with Cultural History, the Political History, and other historiographical modalities. Along the text, they are discussed some aspects that concerns to the historiographer production developed by the History of Ideas along de twenty century. The article refers to a recently publicized work of the author of this text, witch principal subject was to elaborate a panoramic view of the various fields in which ones the historical knowledge is divided nowadays.

Keywords:

Fields of History, historical methodology; historical writing.

** O presente artigo remete, como referência principal, a um livro publicado recentemente pelo autor, e que se refere a um estudo das várias modalidades da História. Referências: José D'Assunção Barros, *O Campo da História – Especialidades e Abordagens*, Petrópolis: Vozes, 2004, 222pp.

* Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Professor da Universidade Severino Sombra (USS) de Vassouras, nos Cursos de Mestrado e Graduação em História, onde leciona disciplinas ligadas ao campo da Teoria e Metodologia da História.

Entre os inúmeros domínios historiográficos nos quais tem sido partilhado o multidiversificado universo da História, aqui entendida como campo de conhecimento, a *História das Idéias* tem se mostrado ser certamente um dos mais perenes e que mais asseguraram uma real permanência no universo dos historiadores. Esse ensaio pretende examinar esse campo histórico no quadro da rede de conexões entre as várias modalidades historiográficas, discutindo seus campos temáticos de interesse e seus diálogos com a História Política e a História Cultural.

Partiremos da proposição de que a História das Idéias deve ser classificada como uma modalidade historiográfica relacionada aos *domínios* da História – isto é, a um tipo de subdivisão da História que se refere a um campo temático mais específico. Valerá lembrar aqui uma proposta recente para compreender mais sistematicamente os critérios que presidiriam a divisão do saber historiográfico nas suas diversas modalidades¹. Falaremos aqui de três tipos fundamentais de critérios geradores de modalidades historiográficas: as *dimensões*, as *abordagens*, e os *domínios*.

O primeiro critério gerador de divisões da história em modalidades mais específicas refere-se ao que chamaremos de *dimensões*, correspondendo àquilo que o historiador traz para primeiro plano no seu exame de uma determinada sociedade: a Política, a Cultura, a Economia, a Demografia, e assim por diante. Desta maneira, teríamos na História Econômica, na História Política, ou na História das Mentalidades campos do saber histórico relativos às dimensões ou aos enfoques priorizados pelo historiador. Um historiador cultural, por exemplo, constitui em primeiro plano a noção de cultura, na mesma medida em que um historiador político estuda o poder nas suas múltiplas formas e um historiador demográfico orienta o seu trabalho em torno da noção que lhe é central de “população”. Desta maneira, estas modalidades historiográficas, ao enfatizarem uma certa perspectiva da vida social, devem ser mais adequadamente localizadas no campo das *dimensões* historiográficas.

Um segundo grupo de critérios para estabelecer divisões no saber histórico é aquele que chamamos de *abordagens*, referindo-se aos métodos e modos de fazer a História, aos tipos de fontes e também às formas de tratamento de fontes com os quais lida o historiador. São divisões da História relativas a *abordagens* a História Oral, a História Serial, a Micro-História e tantas outras. A História Oral, por exemplo, lida com fontes orais e depende de técnicas como a das entrevistas; a História Serial trabalha com fontes seriadas – documentação que

¹ José D'Assunção BARROS, *O Campo da História*, Petrópolis: Vozes, 2004.

apresente um determinado tipo de homogeneidade e que possa ser analisada sistematicamente pelo historiador. A Micro-História refere-se a abordagens que reduzem a escala de observação do historiador, procurando captar em uma sociedade aquilo que habitualmente escapa aos historiadores que trabalham com um ponto de vista mais panorâmico, mais generalista ou mais distanciado. Também a História Regional poderia ser classificada como modalidade historiográfica ligada a uma abordagem, no sentido de que elege um campo de observação específico para a construção da sua reflexão ao construir ou encontrar historiograficamente uma “região”. Examinando um espaço de atuação onde os homens desenvolvem suas relações sociais, políticas e culturais, a História Regional viabiliza através de sua abordagem um tipo de saber historiográfico que permite estudar uma ou mais dimensões nesta região que pode ser analisada tanto no que concerne a desenvolvimentos internos, como no que se refere à inserção em universos mais amplos.

Para além das modalidades relacionadas a *dimensões* e *abordagens*, podemos pensar finalmente nas divisões da História que chamaremos de *domínios*, e que se referem a campos temáticos privilegiados pelos historiadores. Vários domínios da História têm surgido e mesmo desaparecido no horizonte de saber desta complexa disciplina que é a História. Estaremos falando de domínios quando nos referimos a uma História da Mulher, a uma História do Direito, a uma História de Sexualidade, a uma História Rural.

Os *domínios* da História são na verdade de número indefinido. Alguns domínios podem se referir aos ‘agentes históricos’ que eventualmente são examinados (a mulher, o marginal, o jovem, o trabalhador, as massas anônimas), outros aos ‘ambientes sociais’ (rural, urbano, vida privada), outros aos ‘âmbitos de estudo’ (arte, direito, religiosidade, sexualidade), e a outras tantas possibilidades. Os exemplos sugeridos são apenas indicativos de uma quantidade de campos que não teria fim, e qualquer um poderá começar a pensar por conta própria as inúmeras possibilidades.

Tal como dissemos, os critérios de classificação que estabelecem domínios da História referem-se primordialmente às temáticas (ou campos temáticos) escolhidas pelos historiadores. São já áreas de estudo mais específicas, dentro das quais se inscreverá a problemática constituída pelo ato historiográfico. A maioria dos *domínios* históricos sintoniza-se com os trabalhos que se referem às diferentes *dimensões* históricas, e certamente abre-se às várias *abordagens*. Mas existem domínios que têm mais afinidade com determinada dimensão, dada a natureza dos temas por eles abarcados. Assim, a História da Arte ou a

História da Literatura podem ser eventualmente consideradas sub-especialidades da História Cultural (embora se deva chamar atenção para uma História Social da Arte, ou uma História Social da Literatura, que não deixam de ser possibilidades dentro da História Social, e devam ser assinaladas as riquíssimas possibilidades de conexões entre a História da Arte e a História Política ou a História Econômica).

Alguns domínios surgem e desaparecem ao sabor das modas historiográficas – motivados por eventos sociais e políticos, ou mesmo por ditames editoriais e tendências de mercado. Outros surgem quando para eles se mostra preparada a sociedade na qual se insere a comunidade de historiadores (por exemplo, uma ‘História da Sexualidade’ dificilmente poderia surgir na Inglaterra Puritanista, e uma ‘História da Mulher’ não poderia surgir senão quando, no século XX, a mulher começa a conquistar o mercado de trabalho e surgem os movimentos feministas e de valorização social da mulher). Outros domínios, por fim, são quase tão antigos quanto a própria História – como é o caso da História Religiosa e da História Militar – e tendem a ser perenes na sua durabilidade.

A História das Idéias é um domínio que conquistou sua perenidade no quadro de alternativas historiográficas desde princípios do século XX. Passou por variações no que se refere às concepções das diversas gerações de historiadores das idéias, mas sem sombra de dúvida conquistou um lugar bastante privilegiado no Campo da História. Assim, no decorrer século XX foi possível assistir ao desenrolar de uma rica trajetória que partiu da *História das Idéias* desencarnada de um contexto social – e que atinge a sua proeminência entre as décadas de 1940 e 1950 – a uma verdadeira *História Social das Idéias*, onde é tarefa primordial do historiador compreender e constituir um contexto social adequado antes de se tornar íntimo das idéias que pretende examinar.

O nosso objetivo não será o de recuperar na sua inteireza esta trajetória historiográfica, pontuando-a com exemplos exaustivos, mas sim vislumbrar os diálogos deste domínio que é chamado de História das Idéias com outros campos históricos – sejam eles *dimensões*, *abordagens* ou *domínios* históricos. Naturalmente que, dada a natureza dos seus objetos, a História das Idéias sintoniza francamente ou com a *História Cultural*, ou com a *História Política*, sendo estes os principais campos históricos que se colocam aqui em diálogo (o que naturalmente não exclui ainda a possibilidade de uma *História das Idéias Econômicas*). Às vezes esse diálogo é tão intenso que certos setores da História das Idéias dão mesmo a impressão de serem domínios que se desdobram destas dimensões que são habitualmente denominadas História Cultural e História Política.

Para o caso dos diálogos com a História Política, basta pensar nos trabalhos que investigam mais diretamente as idéias políticas, entre

outros. Um diálogo mais intenso com a História Cultural ou com a História Política, ou com ambas, aparece bem explicitamente no primeiro dos limiares possíveis para a História das Idéias: aquele em que são examinadas as idéias relacionadas ao pensamento sistematizado de indivíduos específicos (por exemplo, os tratados filosóficos, as teorias políticas escritas por grandes ou pequenos pensadores políticos, ou as concepções estéticas dos artistas e literatos de diversos tipos e níveis). O mesmo ocorre quando a História das Idéias volta-se para o estudo de movimentos literários e filosóficos tratando-os como tendências que abrangem grupos mais amplos de pensadores (o Verismo na Literatura, ou o Iluminismo na política) e também quando são examinadas as flutuações de pensamento ou opinião em torno de idéias mais específicas como a “república”, a “democracia”, a “liberdade” (ou quaisquer outras). Até este limiar, tem-se um domínio que muitos preferem também chamar de História Intelectual².

Prosseguindo em seu campo de possibilidades, no momento em que passa a investir em uma preocupação mais sistemática de examinar as ideologias e a difusão de idéias, a História das Idéias começa a se interconectar não apenas com a História Cultural como também com a História Social em seu sentido mais *stricto*. Muitos preferem falar aqui de algo mais específico como uma *História Social das Idéias*, mas é importante ressaltar que – se estivermos empregando aquele sentido mais amplo de “História Social” onde toda História nos dias de hoje é uma “história social” – teremos por força de considerar que toda boa história das idéias, tal como a entende a moderna historiografia profissional, é uma História Social das Idéias. A propósito disto, é bom ressaltar que, nos dias de hoje – mesmo quando examina as idéias estéticas de um artista ou literato – é muito raro que algum historiador profissional se proponha a empreender aquele já mencionado tipo de História das Idéias que as concebe desencarnadas de seu contexto social, tal como o fizeram muitos historiadores na primeira metade do século XX.

A partir do limiar em que o Historiador das Idéias avança pela investigação de idéias que já se apresentam desencarnadas de autoria – ou porque estão mergulhadas na chamada cultura popular, ou porque se referem à coletividade em sentido mais amplo – sua prática historiográfica começa a se inserir em um profícuo diálogo com aqueles setores da História Cultural que investigam as visões de mundo, representações e expressões coletivas. Também aqui, na medida em

² É esta a proposta de Robert Darnton em um ensaio sobre a História Intelectual, que foi posteriormente inserido na coletânea *O Beijo de Lamourette* – mídia, cultura e revolução (São Paulo: Companhia das Letras, 175-197).

que estas idéias começam a tocar em algo como as mentalidades ou o “inconsciente coletivo”, poderemos começar a vislumbrar os diálogos da História das Idéias com dimensões como a História das Mentalidades ou como a Psico-História.

Um esquema complexo poderá ajudar a apreender o campo das possibilidades temáticas pertinentes com a História das Idéias:

Esquema 1



Foram situados esquematicamente os diversos objetos de interesse antes citados. Da esquerda para a direita – sugerindo uma direção do mais concreto e singular ao âmbito mais coletivo – teríamos os estudos de idéias específicas, no sentido transversal³. Pode-se estudar as variações na percepção das idéias de Igualdade ou Liberdade, por exemplo, ou ainda relações entre duas ou mais idéias, como seria o caso de um estudo

³ Nestas situações, o trabalho do historiador das idéias pode dialogar intensamente com outras áreas do conhecimento humano, como a Filosofia ou a Ciência Política. Os cientistas políticos, por exemplo, encontram-se com os historiadores das idéias quando estendem seu olhar sobre os vários planos de temporalidade na busca de compreender idéias ou conceitos específicos dentro do universo de significação de cada época. Por outro lado, não é difícil encontrar também aqueles – entre cientistas políticos e historiadores das idéias políticas – que parecem pretender imaginar um diálogo de idéias através dos tempos onde pouco se percebe como cada contexto histórico-social afeta uma idéia. Na contra-corrente desta tendência, destaque-se a importância fundamental de três historiadores das idéias políticas que na Inglaterra dos anos 70 e 80 chamaram atenção para a importância que deve ser conferida ao “contextualismo”: John Dunn, John Pocock, e Quentin Skinner.

relacionando as relações entre os conceitos de ‘igualdade’ e ‘diferença’. Ao mesmo tempo, pode-se examinar tanto estas idéias em um contexto específico como percorrendo vários contextos históricos (o que irá requerer uma abordagem comparativa), da mesma forma em que também será possível examiná-las nos âmbitos do *intratexto* e do *intertexto*. Sobre a análise intratextual e intertextual das idéias, num caso o historiador das idéias estará trabalhando com textos singulares e específicos, e no outro caso estará examinando dois ou mais textos em relação intertextual. Em ambas as situações, recairemos em um estudo dos discursos para o qual o historiador das idéias poderá se valer de diversificados métodos que vão desde as técnicas de análise de discurso até as abordagens semióticas e lingüísticas destinadas a captar a significação estrutural dos textos. No esquema proposto, assinalamos campos separados para o estudo das idéias em si mesmas e para os estudos em que estas idéias estarão sendo analisadas em articulação às *expressões culturais* que as animam – como, por exemplo, o estudo de uma idéia em um texto literário ou ensaístico específico, em uma obra dramaturgica, em um ciclo de canções, e assim por diante.

Das idéias tomadas singularmente, passamos em seguida aos sistemas de pensamento mais amplos – aqueles que se verificam ao nível do ‘pensamento sistematizado’ de um autor, e aqueles que já correspondem aos grandes movimentos – tudo isto se a brindo a possibilidades de abordagens relacionadas às idéias políticas, filosóficas, estéticas ou científicas⁴. Em um nível maior de abrangência, poderiam ser citadas inúmeras obras que buscam trazer dentro de algum contexto específico um panorama de idéias relacionadas a uma determinada dimensão (política, filosófica, estética), como fez Quentin Skinner – um dos mais destacados historiadores das idéias – para o estudo das idéias políticas⁵. O estudo dos grandes paradigmas científicos, na interconexão da História das Idéias com o domínio da História das Ciências – e também no seu diálogo interdisciplinar com

⁴ Apenas para mencionar dois exemplos de estudos sobre o pensamento sistematizado de um autor, citaremos as obras de John Dunn e John Pocock sobre os pensamentos políticos de Locke e Maquiavel: (1) John DUNN, *The political thought of John Locke*, Cambridge: 1969; (2) J.G. POCOCK, *The machiavellian moment: florentine political thought and the Atlantic republican tradition* (Princeton: 1975). Note-se, ainda, que a fusão dos ‘estudos sobre pensamentos sistematizados’ com o domínio da Biografia Histórica tem dado origem a diversas biografias intelectuais importantes.

⁵ Quentin SKINNER, *As Fundações do Pensamento Político Moderno*, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

a Filosofia da Ciência – vem a seguir. Para este caso, é relevante mencionar contribuições que vão das análises do “paradigma científico” em sentido mais amplo (Gaston Bachelar, Thomas Khun)⁶ aos paradigmas disciplinares, jurídicos, normativos, repressivos, tal como nos oferece em diversas de suas obras Michel Foucault⁷ Entre os estudos sobre as idéias inseridas em campos disciplinares específicos, podem ser citados por exemplo os próprios estudos de historiografia onde são discutidas as diversas idéias de história, seja no âmbito da produção específica de um autor ou no âmbito de correntes historiográficas mais amplas – cumprindo notar que existem também os estudos que investigam a interação entre as idéias historiográficas e os estilos narrativos⁸.

O campo dedicado ao estudo das Ideologias e da difusão de idéias, bem como o campo seguinte, já referido às idéias coletivas de longa duração – mas também às idéias que circulam em articulação a todo um âmbito de práticas culturais que escapam ao universo da cultura letrada – já começam a posicionar a História das Idéias diante de possíveis diálogos com a História das Mentalidades, que é segundo nossa classificação uma ‘dimensão histórica’. A História das Mentalidades, por outro lado, não deve ser confundida com a História das Idéias, ainda que entre elas haja uma possibilidade de intersecção – mais especificamente nas proximidades do limiar que assinala o âmbito dos inconscientes coletivos. Na verdade, a História das Mentalidades também se abre para possibilidades que vão muito além do domínio da História das Idéias, particularmente nas suas investigações relativas aos modos de pensar e de sentir no sentido mais abstrato⁹, bem como na possibilidade de utilizar fontes seriais para verificar as lentas variações históricas em certos padrões

⁶ Gaston BACHELAR, que escreve do ponto de vista de um epistemólogo e não de um historiador, trouxe uma importante contribuição ao estudo dos paradigmas com seu ensaio *Um Novo Paradigma Científico* (São Paulo: Nova Cultural, 1998). Enquanto isso, o físico Thomas Khun celebrou-se por *A Estrutura das Revoluções Científicas* (São Paulo: Perspectiva, 1988).

⁷ Entre outras obras importantes de Michel FOUCAULT neste sentido, Poderemos destacar *A Arqueologia do Saber* (Petrópolis: Vozes, 1972), *O Nascimento da Clínica*. (Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1980) e *Vigiar e Punir – história da violência nas prisões* (Petrópolis: Vozes, 1977).

⁸ Neste particular, um dos exemplos mais marcantes das últimas décadas foi a obra *Meta-História*, de Hayden White (São Paulo: EDUSP, 1992).

⁹ Apenas para dar um exemplo, o Medo é um sentimento, e não uma idéia ou um conceito (embora o “medo” possa ser conceituado filosoficamente, se for o caso). Neste sentido, deve ser classificado como um trabalho de História das Mentalidades o livro de Jean Delumeau intitulado *História do Medo no Ocidente* (São Paulo: Companhia das Letras, 1989).

mentais¹⁰. Ao mesmo tempo, tal como já vimos, a maior parte dos estudos ambientados na História das Idéias relaciona-se a idéias que se concretizam de alguma forma em discursos, sistemas de pensamento, sistemas normativos, paradigmas interdisciplinares, e movimentos políticos ou de qualquer outra ordem.

Com relação às abordagens possíveis aos historiadores das idéias – aos seus métodos e fontes históricas possíveis – são empregadas as mais diversas abordagens, indo das variadas possibilidades de análise do discurso aos variados aportes trazidos pelos desenvolvimentos da Linguística e da Semiótica. Mas um giro metodológico fundamental, certamente, terá sido aquele que – nos anos 1970 – relegou ao passado da historiografia a História das Idéias descarnada e descontextualizada que ainda podia ser vista nos anos 1940 e 1950. Foi com os “contextualistas” ingleses – sobretudo com os trabalhos de História das Idéias Políticas desenvolvidos por Quentin Skinner, John Dunn e John Pocock – que surge a proposta de que as idéias deveriam ser sempre e necessariamente relacionadas diretamente aos seus contextos de enunciação, uma vez que os ambientes históricos e culturais sempre influenciam extraordinariamente a escolha das questões a serem estudadas e, sobretudo, a formatação da própria linguagem mais específica dentro da qual um debate de idéias se realiza.

Desta maneira, seria tarefa primordial do historiador das idéias trazer à luz a linguagem original de um determinado circuito de idéias – evitando o anacronismo e aprofundando-se na adequada compreensão de suas sutilezas de significação – impondo deste modo a necessidade de recriar a temporalidade e o contexto inerente à própria obra. Trata-se, assim, para nos atermos ainda ao caso dos estudos sobre as idéias políticas, de ultrapassar a perspectiva intemporal que às vezes pode ser notada nas obras de historiadores das idéias e cientistas políticos das décadas anteriores, como ocorre, por exemplo, as obras de Hannah Arendt. Ressalte-se ainda que, para o novo padrão de História das Idéias consolidado a partir dos contextualistas ingleses, seria importante não apenas reconstituir uma adequada relação entre texto e contexto como também situar a análise dentro de uma perspectiva de que as estruturas lingüísticas são fundamentais para a construção do pensamento de qualquer sujeito histórico – o que portanto coloca o

¹⁰ A ‘História das Mentalidades’ pode utilizar tanto abordagens qualitativas a partir de fontes diversificadas, como ocorre com o trabalho de Philippe Ariès sobre a História da Morte (*O Homem diante da Morte*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981, 2 vol), como abordagens seriais, a exemplo do que fez Michel Vovelle em seus estudos sobre o mesmo tema (*Piété baroque et déchristianisation, les attitudes devant la mort en Provence au XVIII siècle*. Paris: Le Seuil, 1978).

historiador das idéias diante do desafio de que não é possível compreender uma idéia sem a plena consciência do momentum lingüístico dentro do qual esta idéia foi formulada.

Não menos importante para o historiador das idéias é perceber e dar a perceber a rede dentro da qual está inserido determinado autor “produtor de idéias” – investigando dentro desta rede tanto as influências que o autor recebe como a recepção de suas idéias pelos seus diversos contemporâneos. Importante examinar, ainda, os diálogos do “produtor de idéias” com toda uma rede intertextual que remonta à tradição dentro da qual seu pensamento se inscreve ou que, também de modo contrário, o contrasta com as tradições contra as quais as idéias do autor estabelecem uma relação de ruptura.

Em que pese a importância dos aportes metodológicos oferecidos pela corrente contextualista à História das Idéias, também não deixaram de ser criticados os exageros da crença de que seria rigorosamente possível recuperar o sentido original de uma obra, particularmente chamando-se atenção para o fato de que a interpretação dos textos e idéias de uma época não deixam de ser guiadas em alguma instância pelos valores do presente do próprio historiador que empreende a análise. Desta maneira, pairando criticamente entre a antiga ilusão de neutralidade e o permanente estado de alerta diante dos perigos do anacronismo, o historiador das idéias deveria se habilitar a trabalhar concedendo um espaço às vozes do passado sem pretender sufocar inutilmente a sua própria voz. Ao mesmo tempo, entre as impossibilidades de um mais-que-perfeito “contextualismo” e as pretensões de um “internalismo” que investe nas possibilidades de buscar exclusivamente dentro de um texto os seus significados – geralmente à luz das metodologias semióticas de origem estruturalista – o historiador das idéias deve fazer as suas escolhas possíveis.

A História das Idéias, enfim, tem se revelado um dos mais produtivos domínios historiográficos, desenvolvendo importantes diálogos com *dimensões* historiográficas como a História Cultural, a História Social, a História das Mentalidades e a História Política, e também estabelecendo as suas conexões com inúmeros *domínios* historiográficos que vão da História das Ciências à História da Literatura, além de abrigar as mais diversas abordagens disponíveis para uma análise de suas fontes e contextos históricos. Dentro deste rico quadro de diálogos intradisciplinares e interdisciplinares, o seu interesse tende a se renovar incorporando os demais progressos e novidades que se dão no seio da historiografia e das demais ciências humanas.

Referências Bibliográficas:

- ARIÈS, Philippe. *O Homem diante da Morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981, 2 vol.
- BACHELAR, Gaston *Um Novo Paradigma Científico*. São Paulo: Nova Cultural, 1998.
- BARROS, José. *O Campo da História – Especialidades e Abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- DARTON, Robert. “História Intelectual e Cultural” In *O Beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.175-197.
- DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DUNN, John. *The political thought of John Locke*, Cambridge: 1969.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1980.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir, história da violência nas prisões*, Petrópolis, Vozes, 1977.
- KHUN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- LaCAPRA, Dominick, *Rethinking History: Texts, Contexts Language*, Nova York: Ithaca, 1983.
- POCOCK, John. *The machiavellian moment: florentine political thought and the Atlantic republican tradition*. Princeton: 1975.
- SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- VOVELLE, Michel. *Piété baroque et déchristianisation, les attitudes devant la mort en Provence au XVIII siècle*. Paris: Le Seuil, 1978.
- WHITE, Hayden. *A Meta-História*. São Paulo: EDUSP, 1992.